

"NA FLORESTA DO ALEAMENTO"

Sei que despertei e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de
de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda... Sinto-me febril de lon-
ge. Peso-me não sei por quê...

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagnado, entre um sono
e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção
boia entre dois mundos e vê cegamente a profundidade e a profundidade de
um céu; e estas profundezas interpenetram-me, misturam-se, e eu não
sei onde estou nem o que sonho.

Um vento de sombras sopra cinzas de propósitos mortos sobre
o que eu sou desperto. Cai de um firmamento desconhecido um or-
valho morno de tédio. Uma grande angústia inerte manuseia-me a alma
por dentro, e incerta, altera-me como a brisa aos deffis das copas.

Na alcova mórvida e morna de lá fora é apenas um hábito de
penumbra. Sou todo confusão quieta... Para que há ^{de} um dia se raiar?...

Costa-me saber o que ele vai, como se fosse um esforço meu
que houvesse que houvesse de o fazer aparecer.

Com uma lentidão confusa acalmo. Entorpeco-me. Bóido no ar,
entre velar e dormir, e uma ^{outra} espécie de realidade surge, e eu em meio
dela, não sei de que onde que não esse...

Surge mas não apaga esta, esta alcova tépida, essa de uma floresta
estranha. Coexistem na minha atenção algemada as duas realidades



... COMO DOIS FUMOS QUE SE MISTURAM.

QUE NÍTIDA DE OUTRA E DE ELA ESSA TRÊMULA PAISAGEM
TRANSPARENTE!

E QUEM É ESTA MULHER QUE COMIGO VESTE DE OBSERVADA
ESSA FLORESTA ALHEIA? PARA QUE É QUE TENHO UM MOMENTO DE MO
PERGUNTAR? EU NÃO SEI QUERE-LO SABER...

A ALCOVA VAGA É UM VIDRO ESCURO ATRAVÉS DO QUAL, CONSCIENTE
DELE, VEJO ESSA PAISAGEM... E ESSA PAISAGEM CONHEÇO-A HÁ MUITO,
E HÁ MUITO QUE COM ESSA MULHER QUE DESCONHEÇO ERRO, OUTRA REACI-
-DADE, ATRAVÉS DA IRREALIDADE DELA. SINTO EM MIM SÉCULOS DE CON-
-HECER AQUELAS ÁRVORES, E AQUELAS FLORES E AQUELAS VIAS EM DESVÍOS
E AQUELE SER MEU QUE ALI VAGUEIA, ANTIGO E OSTENSIVO AO MEU OLHAR,
QUE O SABER QUE ESTOU NESTA ALCOVA VESTE DE PENUMBRAS DE VER...

DE VEZ EM QUANDO PELA FLORESTA ONDE DE LONGE ME VEJO
E SINTO, UM VENTO LENTO VARRE UM FUMO E ESSE FUMO É A VISÃO NÍTIDA
E ESCURA DA ALCOVA EM QUE SOU ATUAL DESTES VAGOS MÓVEIS E RESPONTEI-
-ROS E DE SEU TORPOR DE NOTURNA. DEPOIS ESSE VENTO PASSA E TORNA A
SER TODA SÓ-ELA A PAISAGEM DAQUELE OUTRO MUNDO...

OUTRAS VEZES ESTE QUARTO ESTREITO É APENAS UMA CINZA DE BRU-
-MA, NO HORIZONTE D'ESSA TERRA DIVERSA... E HÁ MOMENTOS EM QUE
O CHÃO QUE ALI PIJAMOS, É ESTA ALCOVA VISÍVEL...

SONHO E PERCO-ME, DUPLO DE SER EU E ESTA MULHER...
UM GRANDE CANSAÇO É UM FOGO NEGRO QUE ME CONSOME...



... Uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita, ...
O FELICIDADE BACA! ... O ETERNO ESTAR NO BIFURCAX DOS CA-
MINHOS! .. EU SONHO E POR DETRÁS DE MINHA ATENÇÃO SONHO COMIGO
ALGUÉM... É TALVEZ EU NÃO SEJA SENÃO UM SONHO DESTE ALGUÉM
QUE NÃO EXISTE...

LÁ FORA A ANTEMANHÃ TÃO LONGÍNQUA! A FLORESTA TÃO AQUI
ANTE OUTROS OLHOS MEUS!

E EU, QUE LONGE DESTA PAISAGEM QUASE A ESQUEÇO, É AO TÊ-LA
QUE SAUDADES DELA, E É AO PERCORRÊ-LA QUE A CHORO E A ELA ASPIRO...

AS ÁRVORES! AS FLORES! O ESCONDERSE COPADO DOS CAMINHOS!...

TASSEÁVAMOS ÀS VEZES, DE BRACO DADO, SOB OS CEDROS E AS OLAIAS,
NINGUM DE NÓS PENSAVA EM VIVER. A NOSSA CARNE ERA-NOS UM PERFUME
VAGO E A NOSSA VIDA UM ECO DE SOM DE FONTE. DÁVAMO-NOS AS MÃOS
E OS NOSSOS OLHOS PERSUNTAVAM-SE O QUE SERIA O SER SENSUAL E O
QUEER REALIZAR EM CARNE A ILUSÃO DO AMOR...

NO NOSSO JARDIM HAVIA FLORES DE TODAS AS BELEZAS... ROSAS
DE CONTOORNOS ENROLADOS, LÍRIDS DE UM BRANCO AMARELECENDO-SE,
PAPOULAS QUE SERIAM OCULTAS SE O SEU RUBRO CHEJ NÃO ESPREITA-
-SSE PREJENÇA, VIOLETAS NA MARGEM TUFADA DOS CANTEIROS MID-
-SÔTIS MÍNIMOS, CAMÉLIAS ESTÉREIS DE PERFUME... E PASMADOS POR
CIMA DE ERVAS ALTAS, OLHOS, GIRASSOIS ISOLADOS FITAVAM-NOS GRAN-
-DEMENTE

NÓS ROÇÁVAMOS A ALMA TODA VISTA PELO FRESCOR VISÍVEL

DOS MUSGOS E TÍNHAMOS, AO PASSAR PELAS PALMEIRAS, A INTUIÇÃO
ESQUIA DE OUTRAS TERRAS... E SUBÍAMOS O CHORO À LEMBRANÇA,
PORQUE NEM AQUI, AO SERMOS FELIZES O ÉRAMOS...

CARVALHOS CHEIOS DE SÉCULOS NODOSOS TROPEÇAR OS
NOSSOS PÉS NOS TENTÁCULOS MORTOS DAS SUAS RAÍZES... PLÁTANOS
ESTACAVAM... É AO LONGE, ENTRE ÁRVORES E ÁRVORES DE PERTO, PEN-
-DIAM NO SILÊNCIO DAS LATADAS E OS CACHOS NEGREJANTES DE UVAS...

O NOSSO SONHO DE VIVER, IA ADIANTE DE NÓS, ALADO,
E NÓS TÍNHAMOS PARA ELE UM SORRISO IGUAL E ALHEIO, COMBI-
-NADOS NAS ALMAS, SEM NOS OLHARMOS, SEM SABERMOS UM
-DO OUTRO MAIS DO QUE A PRESENÇA APOIADA UM BRACO CONTRA
E A ATENÇÃO ENTREGUE DO OUTRO BRACO QUE O SENTIA.

A NOSSA VIDA NÃO TINHA DENTRO. ÉRAMOS FORA E OUTROS.
DESCONHECIAMO-NOS, COMO SE HOUVÉSSEMOS APARECIDO ÀS NOSSAS
E ALMAS DEPOIS DE UMA VIAGEM ATRAVÉZ DE SONHOS...

TÍNHAMO-NOS ESQUECIDO DO TEMPO, DO ESPAÇO IMENSO EM PE-
-QUENARA-SE-NOS NA ATENÇÃO. FORA DAQUELAS ÁRVORES PRÓXIMAS
S DAQUELAS LATADAS AFASTADAS, DAQUELES MONTES ÚLTIMOS AO HORIZON-
-TE HAVERIA ALGUMA COISA DE REAL, DE MERECEDOR DO OLHAR ABER-
-TO, QUE SE DÁ AS COUSAS QUE EXISTEM?

NA CLEPSIDRA DA NOSSA IMPERFEIÇÃO GOTAS REGULARES DE
SONHO MARCAVAM HORAS IRREAIS...

NADA VALE A PENA, O MEU AMOR LONGÍNQUO, SENÃO O SABER

COMO É SUAVE SABER QUE NADA VALE A PENA...

① MOVIMENTO PARADO DAS ARVORES; O SOSSEGO INQUIETO DAS FONTES; O HALITO INDEFINIDO DO RITMO ÍNTIMO DAS SEIVAS; O ENTARDECER LENTO DAS COISAS, QUE PARECE VIR-LHEJ DE DENTRO E DAR MÃOS DE CONCORDÂNCIA ESPIRITUAL AO ENTARDECER LONGÍNQUO, E PRÓXIMO À ALTA DO ALTO SILÊNCIO DO CÉU; O CAIR DAS FOLHAS, COMPASSADO E INÚTIL, PINGOS DE ALHEAMENTO, EM QUE A PAISAGEM NOS TORNA TODA PARA OS DUVIDOS E SE ENTRISTECE EM NÓS COMO UMA PÁTRIA RECORDADA — TUDO ISTO, COMO UM CINTO A DESATAR-SE, CINGIA-NOS, INCERTAMENTE.

ALI VIVEMOS UM TEMPO QUE NÃO SABIA DECORRER, UM ESPAÇO, PARA QUE NÃO HAVIA PENSAR EM PODER-SE MEDI-LO. UM DECORRER FORA DO TEMPO, UMA EXTENSÃO QUE DESCONHECIA OS HÁBITOS DA REALIDADE NO ESPAÇO... QUE HORAS, O COMPANHEIRO INÚTIL DO MEU TÉDIO, QUE HORAS DE DESASSOSSEGO FELIZ SE FINGIRAM ALI... HORAS DE CINZA DE ESPÍRITO, DIAS DE SAUDADE ESPACIAL, SÉCULOS INTERIORES DE PAISAGEM EXTERNA. E NÓS NÃO PERGUNTÁVAMOS PARA QUE ERA AQUILO QUE NÃO ERA PARA NADA.

NÓS SABÍAMOS ALI, POR UMA INTUIÇÃO QUE POR CERTO NÃO TÍNHAMOS QUE ESTE DOLORIDO MUNDO ONDE SERÍAMOS DD'S, E EXISTIA, ERA PARA ALÉM DA LINHA EXTERNA ONDE AS MONTANHAS SÃO HÁBITOS DE FORMAS, E PARA ALÉM DESSA NÃO HAVIA NADA.

→

É ERA POR CAUSA DA CONTRADIÇÃO DE SABER ISTO QUE A NOSSA HORA DE ALI, ERA ESCURA COMO UMA CAVERNA EM TERRAS DE SUPERSTICIOSOS, E O NOSSO SENTI- LA ERA ESTRANHO COMO UM PERFIL DE CIDADE MOURISCA CONTRA UM CÉU DE CREPÚSCULO OUTONAL.

ORLAS DE MARÉS DESCONHECIDAS TOCavam NO HORIZON- TE DE OUVIRMOS, PRAIAS QUE NUNCA PODERÍAMOS VER, E ERA-NOS, A FELICIDADE QUE NUNCA PODERÍAMOS VER, E ERÁMOS A FELICIDADE ESCUTAR ATÉ VÊ-LO EM NÓS, ESSE MAR ONDE SEM DÚVIDA SINGRA- VAM CARAVELAS COM OUTROS FINS EM PERCORRÊ-LO QUE NÃO OS FINS ÚTEIS E COMANDADOS DA TERRA.

REPARÁVAMOS DE REPENTE, COMO QUEM REPARA QUEM VIVE, QUE O AR ESTAVA CHEIO DE CANTO DE AVES E QUE COMO PERFUMES ANTIGOS EM CETINS, O MARULHO ESTRAGADO DAS FO- LHAS ESTAVA MAIS ENTRANHADO EM NÓS DE QUE A CONSCIÊN- CIA DE O OUVIRMOS.

E ASSIM O MURMÚRIO DAS AVES, O SUSSURRO DOS ARVOREDOS E O FUNDO MONOTONO ESPRECIDO DO MAR ETERNO PUNHAM A NOSSA VIDA ABANDONADA UMA AURÉOLA DE NÃO A CONHECERMOS. DORMIMOS ALI ACORDADOS, DIAS, CONTEN- TES DE NÃO SER NADA, DE NÃO TER DESEJOS NEM ESPE- RANÇAS, DE NOS TERMOS ESPRECIDO DA COR DOS AMORES E DO SABOR DOS ÓDIOS. Julgávamo-nos imortais... →

Ali, vivemos cheias de outro sentimento. Las, horas
de uma imperfeição vazia e tão perfeitas por isso, tão
diagonais à certeza retangular da vida... Horas imperiais
depostas, horas vestidas de dúrpulas gastas, horas caídas,
neste mundo de outro mundo mais cheio de orgulho
de ter mais desmanteladas angústias...

E doía-nos gozar apuílo, doía-nos... Porque apesar do
que tinha de exílio calmo, toda essa paisagem nos sabia a
sermos deste mundo, toda ela era úmida de um vago tē-
-did, triste e enorme e perverso como a decadência de
um império ignoto...

Nas cortinas de nossa alcova a mania é uma
sombra de luz. Meus lábios que eu sei estão pálidos,
sabem um ao outro a não quererem ter vida.

Orar do nosso quarto

| | |
|----------------------|--------------------|
| ACERVO ANTONIO SODRÉ | |
| Vol. <u>13</u> | Nº. Pág. <u>10</u> |
| _____ | |
| _____ | |